

SIMPÓSIO AT031

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA CONSTRUÇÃO DO MARAVILHOSO EM *NADJA*, DE ANDRÉ BRETON

SÁ, Natália Cristina Martins de
Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina
nataliacmsa@gmail.com

Resumo: De diversas formas, a mulher sempre esteve presente na Literatura. Seja como personagem principal ou como mera coadjuvante, sua presença nas obras conferia peso diferente a elas. Na Literatura, ora a representação da mulher foi doutrinatória, para lhe indicar os valores a seguir e suas obrigações femininas na sociedade; ora foi libertadora, dando-lhe voz, espaço e representatividade. No Surrealismo, a mulher possui uma importância singular, porém contraditória: os surrealistas não pretendem doutrinar as mulheres sobre seu modo de agir – doutrinação não cabe neste movimento -, nem tampouco modificar as características socialmente impostas sobre o feminino; mas identifica-se com ela em todas essas características, e, dessa maneira, confere-lhe nova importância. Assim, este trabalho visa a analisar a representação da figura feminina no Surrealismo, em específico na obra *Nadja*, de André Breton, a partir dos estudos Surrealistas de Marta Dantas (2017), Fernanda Taís Ornelas e Alcides Cardoso Santos (2016), Érica Milanezi (2009) e Henrique do Nascimento Gambi (2013). A partir destes estudos, a análise explana em que medida a representação da mulher no Surrealismo quebra ou reforça os estereótipos femininos e como contribui para a valorização feminina, ora pela exaltação da figura da mulher; ora pela sua posição em pé de igualdade com os homens Surrealistas, e assim constrói o maravilhoso na obra de André Breton.

Palavras-chave: *Nadja*; André Breton; Surrealismo; mulher; maravilhoso.

Abstract: In many ways, the woman was always present on Literature. Whether as the main character or as a mere supporting character, it's presence in works gave a different level of importance. In Literature, at times the woman's representation was doctrinal, indicating it the values to follow and your feminine obligations on the society; at times liberating, givin it voice, space and representativeness. In Surrealism, the woman has a singular importance, although contradictory: the surrealists doesn't intend to indoctrinate over the feminine, but it can be indentificate with it in all of those characteristics, and, in that way, giving it a new importance. In that way, this paper seeks to analyze the feminine figure interpretation in the Surrealism, specifically in the book *Nadja*, from André Breton, starting from the Surrealists studies of Marta Dantas (2017), Fernanda Taís Ornelas and Alcides Cardoso Santos (2016), Érica Milanezi (2009) and Henrique do Nascimento Gambi (2013). Starting from those studies, the analysis explain in what measure the woman's representation in the Surrealism breaks or reinforces the feminine stereotypes and how it contributes

for the feminine valorization, at times by the exaltation of the woman's figure; at times by its position in a equality level with the Surrealist men, and that build the wonderful in the work of André Breton.

Keywords: Nadja; André Breton; Surrealism; woman; wonderful.

Introdução

O homem é visto pelos surrealistas e descrito por André Breton como “um sonhador definitivo” (BRETON, 2001, p. 15), e, portanto, o que o caracteriza não é a razão, é a capacidade de sonhar. A máxima cartesiana “penso, logo existo” é subvertida, observa Dantas (2017), e a existência do homem, comumente atrelada à razão, passa a ser, no Surrealismo, atrelada ao sonho. A figura masculina, porém, por ser mais valorizada na sociedade do que a figura feminina, era enquadrada nos valores da organização social: valores estes que diziam respeito ao progresso, à razão e à lógica. A organização em torno destes valores, porém, acaba por minimizar a capacidade masculina de levantar a bandeira do sonho, do inconsciente, da falta de lógica e da imaginação.

Assim, as mulheres, não tão inseridas nestes valores, participam ativamente dos ideais surrealistas: sua intuição, sua exclusão da valorização do pensamento lógico e a irracionalidade que lhes era conferida pela sociedade as tornavam capazes de transpor os limites entre sonho e realidade, entre a razão e a loucura – e, assim, capazes de viver experiências surrealistas (e proporcioná-las aos outros em sua alteridade). A sensualidade feminina também agrada aos ideais surrealistas, já que, para o Surrealismo, o erotismo é purificador e entre o prazer erótico e o estético há apenas diferença de grau. A mulher sensual desperta o desejo (e o desejo é motor no Surrealismo), enquanto a deambulação demonstra uma Paris erotizada, a cidade que também é capaz de despertar o desejo e a permanente errância do ser surrealista em busca permanente do amor, da liberdade e do autoconhecimento.

1. Autoconhecimento e alma errante

Este autoconhecimento, muito caro aos Surrealistas, percorre toda a obra *Nadja*. A obra é iniciada com o simples questionamento: “Quem sou?” (BRETON, 2007, p. 21), e esta questão, aparentemente pessoal, intransferível e intimista, se revela aos poucos apenas quando Breton tem contato com a cidade e com uma mulher. Esta mulher, misteriosa, é descrita por Breton como um “gênio livre, algo como desses espíritos do ar que certas práticas de magia permitem fixar momentaneamente, mas jamais submeter” (BRETON, 2007, p.102). Ela se apresenta a Breton com o nome que escolheu para si mesma: “Nadja, porque em russo é o começo da palavra esperança, e porque é só o começo dela” (BRETON, 2007, p. 66 e 67). E a esperança, tão importante ao ideário surrealista, é um dos primeiros detalhes desta mulher em que o Surrealismo se materializa, provocando fascínio em Breton.

A partir do encontro com Nadja, o conhecimento de si mesmo, para Breton, passa pelo contato com os outros, a alteridade auxilia a busca de si:

[...] a revelação de quem somos exige que a linguagem e a imaginação estejam submissas ao desejo, na perspectiva de que este se manifeste por meio do outro, que vem nos dizer quem somos por meio de uma linguagem que não é a habitual, mas a linguagem a enigmática, que revela a vocação mesma da linguagem, que é ser oracular. É a fala desarrazoada de Nadja que descobre o outro que é Breton. (DANTAS, 2008, p.101)

Assim, Nadja foi o “outro” que teve parte para a manifestação de Breton, auxiliando, através de sua fala desprovida de razão lógica, a revelação de quem ele era – e o descobrimento de que o outro que se opõe a mim existe intrinsecamente a mim mesmo. Tendo parte nesta busca e no projeto surrealista como um todo, a passagem desta mulher pela vida de Breton teve efeito avassalador.

Em suas diversas formas de se apresentar, Nadja não se apresenta a Breton, mas o apresenta a si mesmo. Quando, ao conversar com André Breton, a moça lhe pergunta quem ele é, ele brinca com o significado daquela pergunta em conversas corriqueiras: “Estava simplesmente imaginando um modo de me perguntar quem sou (no sentido mais restrito das palavras).” (BRETON, 2007, p.

67). A pergunta que permeia o texto todo, em seu sentido corriqueiro é respondida com pouco significado (a resposta relatada como “Digo-lhe”), sem muita importância, como várias das perguntas habituais em interações interpessoais com função majoritariamente fática. Justamente por este motivo é que Breton faz questão de justificar aos leitores que a pergunta lhe fora feita no sentido mais restrito das palavras, talvez para que não restem dúvidas de que é uma pergunta que pode abarcar tantas respostas que nem sempre é utilizada com um mesmo sentido. Mais adiante em sua conversa, Breton é quem faz a pergunta a Nadja - desta vez empregando na pergunta o sentido buscado ao longo de toda a narrativa -, ao que ela responde, sem ao menos hesitar: “Eu sou a alma errante.” (BRETON, 2007, p. 70). Neste momento (se até então ainda restaram dúvidas), Nadja personifica o Surrealismo em si: a alma errante, como o surrealismo errante – e como poderia ser uma alma errante senão livre? A errância e a deambulação permitiam que se entreviesse a liberdade, também notada por Breton: “E de repente aquela leveza que só vi nela, aquela *liberdade*, para ser mais preciso [...]” (BRETON, 2007, p. 70, grifos do autor). Assim, Nadja encarna os ideais surrealistas, busca a liberdade, a errância, configura-se o *flâneur* naturalmente, levemente – inclusive sem a intenção de sê-lo -, e Breton a encontra em meio à sua busca por identidade, de maneira que a convivência com ela lhe permite buscar mais. Apesar de viver o Surrealismo, esta mulher não o fazia intencionalmente: “Nadja desconhecia o Surrealismo, mas vivia, falava, desenhava como uma surrealista. Breton tomou-a como a própria encarnação das aspirações do movimento.” (DANTAS, 2017, p. 308). Justamente o fato de Nadja desconhecer o movimento e ainda assim viver seu ideário gera ainda mais o caráter de coincidência dos acontecimentos:

Diante de nós derrama-se um chafariz cuja curvatura ela parece acompanhar. “São os seus pensamentos e os meus. Olha de onde eles vêm, até onde se elevam, e como é mais bonito ainda quando caem. Logo em seguida se fundem, se refazem com a mesma força, e recomeça esse arremesso que se despedaça, essa queda...e assim indefinidamente.” Fico assustado: “Mas, Nadja, como isso é estranho! Onde é que você foi buscar justamente essa imagem, que está expressa quase da mesma forma num livro que você não pode ter conhecido, e que acabei de ler?” (BRETON, 2007, p. 82)

A imagem vista por Nadja, improvável e de certa forma assustadora, configura uma característica do Surrealismo: as “petrificantes coincidências”,

mais tarde denominadas “acaso objetivo”. O acaso objetivo, presente em toda a obra de Breton, se manifesta nestas coincidências proporcionadas pela errância e se mostra como o encontro do inconsciente com uma necessidade real da vida – um intercâmbio entre espírito e matéria. O acaso objetivo não necessariamente é compreendido quando ocorre: ele precisa ser experienciado pelo conhecimento sensível e manifestado por meio da linguagem – a revelação vem depois.

2. Mulher como portadora de mistérios e representação de figuras míticas

De um encontro a outro, por vezes Breton afirma que Nadja não é mais a mesma (ideia que faz jus à afirmação de ela ser “um espírito do ar”); e isso lhe confere inconstância – ou talvez seja inconstância do próprio Breton, já que ele se descobria no relacionamento com esta mulher e, assim, o que afirmava ser ou não ser fazia relação direta à sua própria identidade, tanto quanto (ou até mais do que) à dela. Esta imagem despertada de Nadja vai então ao encontro de outra visão feminina que o surrealismo traz: da mulher que é vista como a portadora dos mistérios da vida.

A mulher é vista como um objeto de celebração, possuindo sempre um caráter sagrado para os surrealistas, uma vez que é considerada uma mediadora entre o real e o surreal. Ligada ao amor e ao desejo, o poder da mulher é duplo [...] Associada a uma criatura mítica, a mulher é capaz, de acordo com o pensamento surrealista, de transitar livremente entre mundo real e o sobrenatural, tal qual Nadja [...] (MILANEZE, 2009, p. 200)

A mulher portadora dos mistérios é tão fascinante quanto assustadora, e neste duplo ela revela uma plenitude do Surrealismo – a capacidade de levantar a bandeira da imaginação sem o medo da insanidade. Em *Manifesto do Surrealismo*, André Breton postula que mergulhar no Surrealismo: “[...] É como se ainda corrêssemos para a nossa salvação ou perdição.” (BRETON, 2001, p. 56). Esta mulher com caráter sagrado pode ser tanto a salvação quanto a perdição (imagem dúbia que, aliás, acompanha a mulher em diversas

representações literárias e culturais) e permite associá-la a criaturas míticas. Breton deixa pistas de uma mulher associada ao sagrado ao longo da obra; a descreve como um “espírito do ar” e posteriormente a relaciona à fada Melusina e à Esfinge: “Lembro também – e nada naquele instante poderia ter sido ao mesmo tempo mais belo e mais trágico -, lembro de ter aparecido a ela negro e frio, como um homem fulminado aos pés da Esfinge” (BRETON, 2007, p. 102).

A menção à Esfinge relaciona-se a Nadja tal qual a figura mitológica grega, em cuja tradição ela possui pernas de leão, asas de um pássaro grande e rosto de mulher. As pernas de leão podem ser encontradas na imagem do espírito aventureiro desta mulher, um espírito valente como de uma leoa, suas pernas acostumadas a flunar. Apesar de escolher ser chamada Nadja, há teorias de que sua escolha própria por um nome e algumas outras pistas deixadas ao longo do texto (o fato de declarar ter sido chamada de “Lena” por um amante, suprimindo do nome “Leona” apenas a letra “o”) indiquem um pseudônimo. De acordo com Henrique do Nascimento Gambi, “Nadja era o pseudônimo de Léona-Camille-Guislain D.” (GAMBI, 2013, p. 4). Assim, a escolha da imagem da Esfinge com suas pernas de leão também sugerem mencionar o nome da mulher que supostamente deu origem à personagem. As asas de um pássaro grande podem ser associadas às asas da esperança, descritas imensas por Breton:

Vi seus olhos de avenca se *abrirem* de manhã, para um mundo em que as batidas de asas da imensa esperança pouco se distinguem dos outros ruídos, que são o do terror, e neste mundo eu não via senão olhos se fecharem (BRETON, 2007, p. 103, grifos do autor).

Estes olhos que se abrem também se podem relacionar ao abrir das asas, ao despertar para uma vida esperançosa, livre, levada por estas asas, sem precisar ser guiada pela razão. Simultaneamente, o ruído das asas da esperança pouco distinguidos do ruído do terror também lembram a figura da Esfinge: a partir do enigma lançado pela esfinge, esperança e terror são gerados no ser humano que precisa decifrar o enigma – liberdade ou morte o aguardam. O rosto de mulher da Esfinge, por sua vez, traz a característica misteriosa e mitológica que a mulher pode assumir, completando em Nadja a imagem desta criatura. Breton retoma o enigma: “É possível que a vida peça para ser decifrada como um criptograma.” (BRETON, 2007, p. 103), acentuando a imagem da Esfinge, e,

no contexto de sua busca por si mesmo, por sua identidade, por quem, afinal, ele é, talvez a Nadja representada como Esfinge não fosse quem lhe encontra as respostas, mas quem lhe auxilia a encontrá-las a partir dos enigmas. Enigmas que configuram coincidências e que revelam o maravilhoso.

Considerações finais

Nadja, além de representar a errância, o mítico e o insólito, é também uma representação da beleza, que possui papel importante no surrealismo: ao despertar o maravilhoso, ela é o maravilhoso. No Surrealismo, a beleza deixa de ser um conceito sobre harmonia, simetria e a virtude daquilo que é razoável para ser concebida como uma experiência, o conhecimento sensível, poético. A beleza passa então a mediar um novo sentido e ele também adquire um senso em si. Ela se sensualiza em sua significação, por isso é objeto revelado para algo além da banalidade, além de sua realidade imediata. Assim, a beleza é capaz de magia – e apesar de ser efêmera, pode mudar as coisas para sempre. Por esta perspectiva, o maravilhoso é beleza por ser a manifestação da poesia na vida, a transformação da vida em arte - e, nesta transformação, é conhecimento sensível e sensual da realidade. A Nadja, para Breton, desperta esta beleza – uma beleza convulsiva.

Assim, Nadja media realidade e surrealidade, conhecido e desconhecido, “real” e imaginário, mítico e humano, comum e insólito, e participa do caminho que Breton traça ao encontro da liberdade conquistada com o conhecimento de si. Ela permite que o maravilhoso seja desvendado aos poucos a Breton, proporcionando, como observa Dantas (2017) o contato entre o mundo exterior e interior, o mundo limitado e o ilimitado. Breton, lançado às ruas, em busca de sua identidade, liberdade e emancipação não teve, no convívio com Nadja, espaço para a estagnação: a busca foi constante, o desejo por reencantar a vida não era conformista e ilusório – era, sim, sonhador -, mas um desejo de apoderar-se dessa vida, um desejo de ação – e talvez por isso um desejo motor.

Nadja, em meio a isso, representou o encontro de Breton com a beleza, a linguagem oracular (a potência da linguagem), a errância, a deambulação, o amor, a experiência pela alteridade, a experimentação da irracionalidade, a capacidade de sonho e o Surrealismo em si. Breton, um errante sonhador, um ser capaz de sonhar, como ele mesmo define, descobriu, por meio do outro, por Nadja, a resposta à pergunta que perpassa sua obra (que o “eu”, afinal, é o “outro”) e que, em si e neste outro, poderia encontrar a beleza – convulsiva – e o maravilhoso.

Referências

BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Sergio Pachá (Trad.). Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

_____. **Nadja**. Ivo Barroso (Trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DANTAS, Marta. O CASTELO DE ANDRÉ BRETON: O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO NO SURREALISMO. **Abusões**, [s.l.], v. 5, n. 5, p.281-313, 28 nov. 2017. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/30314/22369>
Acesso em 31.mai.2019

_____. “Breton: um errante sonhador”. In: SANTOS, Volvei Edson dos (Org.). **Sopros do silêncio**. Londrina: EDUEL, 2008. p.71-105.

Gambi, Henrique do Nascimento. "Se quiseses não serei para ti senão um traço": autobiografia em Nadja, de André Breton. **Darandina Revisteletrônica**. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFJF, v. 6, n. 1, p. 1-11, jun. 2013. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Milaneze, Érica. A busca do infinito por meio da figura feminina em Nadja, de André Breton, e Voyages de l' autre côté, de Jean-Marie Gustave le Clézio. **Lettres Françaises**. Araquara: n.10, p.193-203, 2009. Universidade Estadual Paulista.

Ornelas, Fernanda Taís; Santos, Alcides Cardoso. O feminino no surrealismo: a representação da mulher em Nadja, de André Breton. **Lettres Françaises**. Araquara: n.17, p.287-299, 2016. Universidade Estadual Paulista.